

# O MISTÉRIO DA CABEÇA DE PENAMACOR

PELO PROF. JOSÉ MANUEL LANDEIRO

A revista «NVMMVS», n.º 13-14, respeitante a Dezembro de 1956 a Abril de 1957, inseria um interessante artigo sobre o mistério das quatro cabeças de Setúbal, da autoria do ilustre arqueólogo, Sr. Dr. Rocha Souto, onde se faz referência a um estudo feito por mim em «O Distrito de Setúbal» sobre as mesmas cabeças.

Por que no mesmo artigo se alia o meu nome a uma cabeça que se encontra na Vila de Penamacor e por me ser pedida a minha modesta opinião sobre esta última cabeça, aqui estou a «*deferir o requerimento*», em que nos foi solicitado este depoimento.

\*

O processo de representar a figura humana ou a de outros animais por meio da escultura, é antiqüíssimo, mas foram os Gregos e os Romanos os dois povos que tiveram, principalmente os Romanos, a maior paixão pela estatuária. Os Romanos ornavam com estátuas não só as suas casas como os templos, ruas e jardins. Colocavam-nas sobre colunas, sobre arcos triunfais, no Forum, no Capitólio, na Via Sacra, etc. Era Coríntio o local do grande comércio da estatuária grega e daqui se espalharam as estátuas por toda a Grécia e por todo o Mundo. No dia da sua ruína, o entulho ficou cheio de metal fundido. As duas mais belas estátuas da antiguidade eram a de Minerva de Atenas e a de Júpiter Olímpico, obras primas de Fídias, feitas de ouro e marfim. Os olhos compunham-se de pedras preciosas. Mas voltemos aos Romanos. Empregavam o mármore para a estatuária, mas vendo ser matéria pobrezinha ou, para melhor, modesta para simbolizar um deus ou um herói, lançaram mão do bronze. Lembraram-se também que o bronze ou outro metal tornariam a estátua mais duradoura, no que se enganaram. Os Bárbaros na sua invasão foram autênticos iconoclastas. Desdenharam das estátuas de mármore que por isso chegaram até nós, ao passo que converteram em moeda as de bronze e as de outro metal.

Nos princípios da nossa nacionalidade, quando a parte sul do nosso Portugal se encontrava ainda ocupada pela moirama, não havia imagens dentro das igrejas de Portugal, pois os nossos reis temiam a sua profanação da parte dos mouros, se estes invadissem um dia os templos, como acontecera em muitas ocasiões em refregas ou em assaltos, em suas reconquistas.

Por isso os escultores dessa já longínqua época, viram-se obrigados a fazer as suas obras na própria architectura das igrejas, isto é, nas próprias pedras que serviam para a construção dos edifícios.

O que aconteceu com as paredes dos templos, sucedeu igualmente com os edificios particulares, simples casas ou palácios, as quais receberam dos cinzeis os vultos e formas de pessoas de grande evidência ou de posição de destaque, dignas dessa honra. Quanto aos monumentos religiosos, ainda hoje se podem admirar o pórtico da igreja de Bravães, com a realza de Cristo; o Tímpano da igreja de Serpins, Cristo majestoso sentado num trono como um rei; o frontespício da Conceição (Igreja da) Velha, com a sua Bandeira da Misericórdia; no portal da igreja de Tavareca, um cordeiro com uma cruz, símbolo da Redenção, etc. Nestes tempos antigos, em que o saber ler era raríssimo, a escultura e até a pintura serviam para vincar na memória e no sentimento do povo, como, e muito bem, diz o nosso amigo, Dr. Flórido de Vasconcelos, as verdades principais da Fé.

Em todos estes portais podemos ver e sentir como os escultores dos primeiros tempos trabalhavam nas pedras as imagens rudes, mas cheias de sentido religioso. Como motivos decorativos esculturais, usavam-se as imagens de Santos como por exemplo a da Virgem, figuras humanas, aves e outros animais, plantas e animais fantásticos, peixes e outros animais como figuras simbólicas, e ainda episódios de batalhas e outros factos históricos. O que se dava com as paredes dos edificios, acontecia o mesmo com os capiteis, cachorros, algerozes, túmulos, estatuária dos altares, retábulos, etc. Portugal é rico deste género de escultura.

Na Renascença começou a utilizar-se com frequência um medalhão com uma cabeça em alto relevo ou, até, saindo em vulto inteiro. E isto não só nos ornamentos de portais e janelas, como ainda, em abundancia, pelas paredes (Casa Sub-Ripas, em Coimbra, e a casa de Miguel de Vasconcelos, em Viana do Castelo). Por sinal, nestas, os medalhões e cabeças são de estuque.

Os prédios foreiros às mitras, como succede com um em Aldeia do Bispo — Penamacor, eram marcados com uma pequena mitra esculpida em granito, e em outras localidades, a escultura era substituída por um azulejo com a mitra

desenhada. Em tudo isto deve haver uma relação íntima com as cabeças. Medalhão com cabeça ou simplesmente cabeça, esculpidos em granito, tiveram a mesma época (séculos XV e XVI). Disto não temos a menor dúvida.

\*

Feito já nesta revista um estudo sério do mistério das Quatro Cabeças de Setúbal, vamos hoje ocupar-nos do da «Cabeça» de Penamacor, que se encontra numa casa junto à Igreja de Santiago, onde encontramos nos seus portados, algerozes e capiteis das colunas das naves, motivos decorativos a que atrás nos referimos. Até a cabeça cornuda do Diabo se encontra no capitel de uma das colunas das naves.

Em tempos já antigos, o mercado ou praça de gêneros, em Penamacor, fazia-se junto do Pelourinho. Ali se faziam também as arrematações municipais.

Com o decorrer dos anos a população de Penamacor foi aumentando e tanto que, em 1834, era dos municípios mais populosos da Beira e o primeiro do Distrito de Castelo Branco, pois contava 7.000 habitantes, dez vezes mais que no reinado de D. Sancho I. Com o aumento de população, aumentou, como é evidente, o número de mortos.

Para enterramento dos cadáveres, não eram suficientes a Igreja de Santiago e seu adro e o antigo quintal da Misericórdia. Por isso houve necessidade de se transferir o mercado do Largo do Pelourinho para o «largo junto à Igreja de Santiago» e adaptar-se aquele primeiro largo a cemitério, onde esteve até 1857, ano que passou para o actual quintal do Convento de Santo António. Retomemos o fio à meada, quanto ao Largo da Igreja de Santiago, que em 1834 passou a servir de mercado ou praça, que hoje é conhecido por «Largo do Vale da Carapuça», nome originado de uma lenda, à volta da célebre «Cabeça». Transportando-nos a tempos antigos, encontramos junto da referida igreja o Passal e o respectivo Presbitério, e não muito longe daqui, a desaparecida Rua das Fontainhas. Tudo desapareceu, construindo-se no seu lugar edifícios particulares. Foi num destes lugares que há pouco mais de um dezena de anos se encontrava a casa da residência do Sr. José Moreira Prazeres mandada demolir pela Câmara Municipal por ameaçar ruína, o que deu maior amplidão ao Largo do Vale da Carapuça. Era na esquina ou cunhal (só tinha uma ou um) que se encontrava a célebre cabeça, que depois da sua demolição foi colocada no cunhal da casa a seguir, isto é, de paredes meias com a do Sr. Prazeres, a qual teve de ser restaurada e até modificada. Assim a «cabeça» não se perdeu. Não nos leva a crer que a casa do Sr. Prazeres

tivesse sido o edifício onde esteve primeiramente colocada a cabeça, pois a época da sua construção não devia ir para trás do século XVIII. O seu primitivo lugar foi outro. Seria no Presbitério. Não duvidamos. Recordemos que junto do local do Presbitério ficavam as casas mais aristocratas da vila como o solar dos Pinas Machados e uma outra com uma janela manuelina, cujas obras de restauro se encontram embargadas há mais de meia dúzia de anos. Estes edifícios são dos séculos XVII e XVIII. Quem simbolizará a «cabeça» de Penamacor? Seria a única escultura deste género que se encontrava aqui?

É do que vamos tratar. Não tem legenda alguma, o que é pena, pois se a tivesse, pela letra conhecer-se-ia a sua verdadeira época.

Creemos firmemente não existir relação alguma entre esta cabeça e as do Bairro do Troino de Setúbal. A cara da «cabeça» de Penamacor aparenta, pela sua fisionomia, um mancebo que aparenta pouco mais de 20 anos de idade. Na cabeça tem uma espécie de carapuça, o que deu o nome oficial ao largo. É muito semelhante à mitra, que era posta na cabeça aos condenados pelo Tribunal do Santo Ofício. Sobre o pouco que se vê dos ombros, parece envergar uma espécie de capa ou qualquer outra peça de vestuário cerimonioso.

Tratar-se-á de um Sambenito ou capa de semelhante simbologia? Por uma «cabeça», entende-se, num dos seus significados, por *chefe*, *cabeça de motim*. Ora o facto mais importante da Vila de Penamacor relacionado com a História Pátria, ocorrido no século XVI, época em que, em Portugal, se assinalava qualquer motim político por meio de escultura de cabeça, é o do aparecimento em Penamacor de um dos falsos D. Sebastião. O aparecido em Penamacor era um rapaz de 20 anos, esperto e simpático, o que bastante o ajudou na sua vida ou antes no seu papel de «D. Sebastião».

Apareceu em Julho de 1584. Foi o primeiro na ordem dos falsos D. Sebastião. Era filho de um oleiro de Alcobaça. Ia acompanhado de «D. Cristovão de Távora» e do «Bispo da Guarda», o intrépido confidente de D. António.

Em Penamacor o «*triumvirato*» começou a agregar partidários que constituíam a «corte» do novo «Soberano», que na História ficou conhecido pelo «*Rei de Penamacor*». Preso, passado muito tempo, pelo juiz de Penamacor, Dr. Leitão, por ordens recebidas do Arquiduque Alberto, Vice-Rei de Portugal. Foi-lhe instaurado o processo pelo corregedor Diogo da Fonseca, sabujo sanguinário às ordens de Castela e um digno antecessor de Miguel de Vasconcelos, o «*Rei de Penamacor*» foi levado para Lisboa montado num burro, com as costas voltadas para a cabeça do animal, sendo exposto no Campo de Santa Clara para que todos, vendo-o, se convencessem de que não era o Rei

Desaparecido. <sup>(1)</sup> Aplicaram-lhe a tortura, o que suportou com resignação. Do que o acusavam, soube defender-se e tão bem que, enquanto os seus cúmplices eram condenados à morte, ele foi simplesmente condenado a remar nas galés. <sup>(2)</sup>

Ora este facto tão importante da vida nacional passado em Penamacor, numa época, em que se punha à prova o patriotismo português, era digno de ser registado no granito das terras de Penamacor, de belíssima qualidade para a escultura. Nessa altura os historiadores tinham de submeter os seus escritos à implacável censura paga a ouro por Castela, e só na pedra poderiam sofismar este facto histórico da vida nacional sob o jugo castelhano, mas que a tradição oral se encarregaria de, através dos séculos, ir explicando, a qual, afinal, se perdeu. Não nos custa também a acreditar que, ao lado da misteriosa cabeça de Penamacor, que para nós devia representar o filho do oleiro de Alcobaça, figurassem também as do «Bispo da Guarda» e a de «D. Cristovão de Távora» e que, com o decorrer dos anos que levaram à ruína a casa, onde primitivamente se encontrava a «cabeça» ou «cabeças», estas tivessem desaparecido, conservando-se sômente a do «Rei de Penamacor». Se pelo lado patriótico, encararmos este movimento sebastianista, temos de confessar de que foi patriótico, se bem interpretarmos aquelas palavras, que, eivadas de patriotismo, Febo Moniz dirigiu, em Almeirim, ao Cardeal-Rei: «*Dê-nos V. M. um Rei português e nós lhe obedeceremos*». O heróico procurador de Lisboa não pediu que o Rei fosse este ou aquele português, de fidalga estirpe, mas apenas um «*Rei Português*», isto é, um Rei que fosse um português! Por isso o «Rei de Penamacor» e seus cúmplices eram dignos que a sua lembrança fosse recordada no granito e na terra onde cometeram o acto que provocou em todo o País, um movimento em que a ingenuidade popular via partir-se os grilhões com que Castela acorrentava, o que aconteceu só passados 56 anos, naquela manhã do grande dia 1 de Dezembro de 1640!...

---

<sup>(1)</sup> A gravura que representa o «Rei de Penamacor» em S.ta Clara pode ver-se no vol. 4.º da Hist.ª de Portugal, de M. Pinheiro Chagas.

<sup>(2)</sup> Sobre o «Rei de Penamacor» veja-se o nosso livro «O Conselho de Penamacor na História, na Tradição e na Lenda» (1938) págs. 212 a 215.



